

A tarde, porém, voltou ao mesmo ponto, nas proximidades do qual fôra socorrida pelos mais humildes.

Triste e só, descansou num dos angulos da ponte Fabrícus, ora contemplando os transeuntes mal vestidos, ora fixando as aguas do Tibre, com o coração envolto em dolorosas cismas.

Aos poucos, o sól se escondia lentamente, dourando ao longe as derradeiras nuvens do horizonte.

Um vento frio, cortante, começava a soprar em todas as direções. Contemplando os operários pobres que se recolhiam a penates, a jóven cristã aconchegou mais fortemente ao peito a mísera criancinha. Sentindo-se desalentada, começou a orar e lembrou-se que Jesus também andara no mundo, ao desamparo, experimentando um suave consôlo nessa reminiscencia evangélica. Contudo, pungente saudade do lar feria-lhe o coração sensível e carinhoso. Mulheres do povo, depois das fainas penosas do dia, regressavam á casa com uma auréola de júbilo tranquilo a lhes transparecer no rosto, enquanto que ela, filha de patrícios, sentia-se acabrunhada ante as incertezas da sorte e exposta ao frio cortante do crepúsculo...

Estreitando sempre o pequenino, como se quisesse furta-lo ao ar glacial da tarde, mau grado a sua fé e resignação, não pôde conter o pranto, refletindo amargamente no seu penoso destino!...

As grandes nuvens, batidas de sól, esmaeciam. pouco a pouco, dando lugar ás primeiras estrelas.

### III

#### ESTRADA DE AMARGURA

Desembarcando num porto da Campânia, nas proximidades de Cápuia, Helvídio Lucius adiantou-se a todos os familiares, afim-de preparar os filhos para a consecução dos seus desejos.

Caio Fabrícus e sua mulher sofreram rude golpe com as revelações inesperadas a respeito da irmã, e, obe-



decedendo ás determinações do tribuno, criaram o ambiente necessário para que os círculos aristocráticos da cidade recebessem a notícia da casa, enquanto os sacerdotes do tempo, sem desprezarem as largas compensações financeiras que Helvídio oferecia, facilitavam a solução do assunto e guardando-se assim, sempre, todas as recordações da jóven num punhado de cinzas.

Após receberem as homenagens da sociedade patricia de Cápuia, que não deixou de estranhar o misterioso acontecimento, Fábio Cornélio e todos da família retornaram prestes á Roma, onde promoveram os funerais com a maior simplicidade, embora ao gosto da época e consoante as exigências da tradição familiar.

Todavia, enquanto as supostas cinzas de Célia baixavam ao sarcófago, nova dor assaltava o círculo doméstico dos nossos personagens.

Profundamente ferida nas fibras mais sensíveis do coração materno, Júlia Spinther não conseguiu suportar tão fundo desgosto, acrescido aos muitos que lhe minavam a existencia, abandonara a Terra inopinadamente, sem que os íntimos pudessem, ao menos prever-lhe a aproximação da morte, que se verificou dentro de uma noite, em consequencia de um colapso cardíaco.

Novo luto envolveu a casa de Helvídio, experimentando Alba Lucínia os mais atrozes padecimentos íntimos. A esse tempo, Fábio Cornélio, dado o desaparecimento de Lóllio Urbico, havia recebido novos encargos do Imperador, encargos que lhe deferiram grandes poderes e graves responsabilidades na solução de todos os problemas financeiros.

A morte da espôsa encheu-lhe o coração de estranho pesar. Buscou, contudo, reagir ás fôrças que lhe deprimiam o animo, prosseguindo na sua tarefa de domínio, com o mesmo orgulho que lhe temperava o caracter.

Sentindo-se muito sós, Helvídio Lucius e a espôsa planejaram voltar á tranquilidade provinciana da Palestina, mas o falecimento imprevisto da nobre matrona impedia-lhes, de novo, a execução dos projetos ha muito acarinhados, atento o isolamento em que ficaria o velho



ensor, cujo coração orgulhoso e frio lhes dera sempre as mais inequívocas provas de amor e dedicação.

Elucidando a situação de todo os personagens, restamos lembrar Cláudia Sabina, após o desfêcho singular dos acontecimentos dolorosos que ela mesma sinistramente engendrara. Morto o marido e sabendo frustrados todos os seus planos, procurou em vão ouvir Hatéria, que, elevada á uma posição de redobrada confiança no lar de Helvídio Lucius, dispusera-se a não abandonar jamais a casa, receosa das suas represálias. De posse da grande soma que lhe dera o tribuno em troca do seu silêncio, a velha serviçal chamára o genro e a filha á residência dos patrões, onde lhes entregou parte da pequena fortuna, com a qual adquiriu, em seu nome um belo sítio em Benevento, lá arrumando os filhos, até que ela se dispusesse a partir para a vida rural.

Cláudia Sabina, apesar dos esforços despendidos, nunca mais pôde ouvir-lhe a palavra, porquanto, se Hatéria jamais se ausentava de casa, também Fábio Cornélio detinha poderes cada vez mais fortes, na cidade imperial, obrigando-a, indiretamente, a manter-se em silêncio e á distancia. Foi assim que a antiga plebéia se retirou de Roma para Tibur, acompanhando as futilidades da Côrte de Adriano, cujos últimos tempos de reinado se caracterizaram por uma indiferença cruel.

Rodeada de servos, mas em pleno ostracismo social, a viúva do prefeito dos pretorianos adquirira uma chacara tranquila, onde devia passar largos anos, requintando o seu ódio em detestáveis meditações.

Depois destas notícias breves, retomemos o caminho de Célia para acompanhar-lhe a dolorosa peregrinação.

Deixando a Ponte Fabricius, ela caminhou ao léu, procurando alcançar a ilha do Tibre, onde se acotovelava a multidão dos pobres.

Aos derradeiros clarões da tarde, buscou atravessar a Ponte Cestius, encontrando num trecho do caminho uma mulher do povo, de semblante alegre e humilde. Célia assentara-se, por instantes, ajeitando o pequenino. Sentiu, porém, que o olhar da desconhecida lhe penetrava brandamente o coração.



Nesse comenos, experimentando a secreta confiança que lhe inspirava aquela mulher simples, traçou com a dextra, na poeira do solo um pequeno sinal da cruz, mediante o qual todos os cristãos da cidade se reconheciam.

Ambas trocaram, então, um olhar expressivo de simpatia, enquanto a desconhecida se aproximava exclamando bondosamente:

— És cristã?

— Sim — sussurrou Célia em surdina.

— Estás desamparada? — perguntou a desconhecida, discretamente, revelando nas palavras breves a máxima cautela, de modo a não serem surpreendidas como adeptas do cristianismo.

— Sim, minha senhora — revidou Célia algo confortada com aquele interesse espontâneo, — estou só no mundo com este filhinho.

— Então, venha comigo, é possível que te seja útil em alguma cousa.

A neta de Cnéio Lucius seguiu-a, sôfrega de proteção, no pélago de incertezas em que se achava. Atravessaram a Ponte Cestius, calmamente, como velhas amigas que se houvessem encontrado, dirigindo-se para um quarteirão de casas pobres.

Distanciadas da multidão, a mulher do povo, sempre carinhosa, começou a falar:

— Minha boa menina, chamo-me Orfilia e sou tua irmã na fé! Logo que te avistei, compreendí que estavas só e desamparada no mundo, precisando do auxilio de teus irmãos! Estás moça e Jesus é poderoso... Surpreendí lágrimas nos teus olhos, mas não debes chorar quando tantos irmãos nossos têm padecido atrozes sacrifícios nos tempos amargos que atravessamos...

Célia ouvia-a consolada, mas, intimamente não sabia como proceder em tão difíceis circunstâncias, nas quais uma companheira de crença se lhe revelava com toda a sinceridade.

Enquanto Orfília calava um instante, a filha de Helvídio agradecia-lhe em palavras breves:



— Sim, minha senhora, estou comovida e não sei como agradecer-lhe.

— Sou lavadeira — continuou a plebéia com a sua simplicidade de coração, — mas tenho a ventura de possuir um marido piedoso e cristão, que não se cansa de me proporcionar no trabalho e no concheio do lar os mais sagrados testemunhos de nossa fé! Vais conhecê-lo!... Chama-se Horacio e terá prazer quando souber que te podemos ser útil de algum modo... Tenho, também, um filho de nome Junio, que constitue a nossa esperança para o futuro, quando em nossa pobreza material estivermos imprestáveis para o trabalho!...

E aproximando-se cada vez mais da casinha pobre, acrescentava:

— E tu, minha irmã, que te aconteceu para trazeres um semblante tão triste e amargurado assim?... Tão jóven e com um filhinho nos braços, tão formosa e tão desventurada?...

— Fiquei viúva e abandonada, exclamou Célia de olhos molhados — mas espero em Jesus alcançar o necessario a mim e a meu filho...

Ainda não havia terminado as explicações timidamente formuladas, quando transpuseram o umbral de uma sala muito pobre e quasi desguarnecida.

Dois homens conversavam á claridade frouxa de uma tocha e logo se ergueram para recebê-las.

Devidamente apresentada ao pai e ao filho, Célia notou que Horacio tinha, de fato, um aspécto conselheiral e bondoso, observando, porém, no filho, algo que desagradou de pronto, um olhar de moço leviano e frívolo, cheio de fantasia e de loquacidade.

— Sabes, mãe — exclamou o rapaz como se guardasse todas as qualidades de um porta-novas — o grande acontecimento que abalou toda a cidade?

Enquanto Orfília fazia um gesto de estranheza, Junio continuava:

— A primeira noticia que abalou hoje as proximidades do Forum, pela manhã, foi a da morte do pre-



feito Lóllio Urbico, que se suicidou escandalosamente, obrigando o governo a numerosas homenagens!...

— É estranho — exclamou a interpelada — muitas vezes vi em público êsse homem fidalgo, de porte orgulhoso e varonil. Ainda ontem vi-o nos carros de triunfo, nas festas do Imperador. Seu rosto transbordava alegria e no entanto...

— Ora — interpôs o chefe da casa, — atravessamos uma fase dolorosa de terríveis surpresas para todas as classes sociais. Quem nos poderá afiançar, com certeza, que o prefeito dos pretorianos se tenha suicidado realmente? No mês findo, a cidade assistiu a dois acontecimentos como êsse e, no entanto, soube-se depois que os dois patrícios suicidas foram assassinados cruelmente por sicários da sua propria grei.

Célia, encostada a um canto, como se fôra uma jóven mendiga, ouvia aquelas noticias, amargamente impressionada. A estranha morte de Lóllio Urbico aterrava-a. Embora inquieta, fazia o possivel para não traír as mais vivas emoções.

— Mas o dia não se caracterizou sómente por isso, — continuava Junio, loquaz — disseram-me no Forum que alguns cristãos foram presos quando reunidos proximo do Esquilino, bem como que o censor Fábio Cornélio e família partiram para Cápuia, afim-de trazerem para aquí as cinzas de uma filha do tribuno Helvídio Lucius, lá falecida recentemente...

A jóven cristã recolheu a noticia com espanto, compreendendo a gravidade da sua condição perante os parentes orgulhosos e inexoraveis. Seu espirito chocava-se tristemente, em face de noticias tão amargurosas... Á mente lhe veio a idéia de regressar á casa e repousar o corpo alquebrado... Nunca se afastára do lar, a não ser quando descansava junto do avô enfêrmo, no palácio do Aventino. Lembrou os servos amigos e dedicados, invocou todos os recantos do ninho paterno com os seus aspectos peculiares. Uma saudade imensa de sua mãe invadia-lhe o íntimo e, contudo, o coração lhe afirmava, por uma secreta intuição, que seus olhos nunca mais voltariam a refletir a placidez do lar paterno, a não



ser quando abandonasse o ergástulo do mundo. Consoante as informações de Junio, compreendeu que as portas da casa paterna lhe estavam fechadas para sempre... Simbolicamente morta, não poderia voltar aos seus senão como uma sombra...

Observando-a de olhos humidos e reconhecendo-lhe o enorme cansaço, Orfília procurou quebrar a frivolidade dos assuntos, dirigindo-lhe a palavra bondosamente:

— E tu, minha querida menina, por pouco não continuavamos a nossa história. Afirmas-te viuva? Mas, que lástima!... Assim tão nova?!

Tomando-a pela mão, para conduzi-la ao interior sob o olhar surpreso dos dois homens que reparavam a nobreza de traços da desconhecida, continuava:

— Entremos, filha!... Está muito frio e pareces fatigada. Além disso, precisamos cuidar da alimentação do pequeno. Vem!

Enquanto Célia exorava a Jesus que a inspirasse em tão difíceis circunstâncias, compreendendo, após as notícias de Junio, que não poderia expôr áquela amiga ocasional a realidade da sua situação, Orfília prosseguia com interesse:

— Mas, como te chamas, minha irmã? Enviuvaste ha muito tempo? E não tens outra amizade por ti?...

A filha de Helvídio, medindo a delicadeza do momento, deu um nome suposto, exclamando:

— Enviuvei ha quatro meses apenas e estou inteiramente desamparada, com este filhinho de poucos dias. Tenho experimentado todos os sofrimentos de uma infeliz filha da plébe, mas tenho guardado a fé em Jesus, como único refúgio. Ainda agora, a sua caridade fraterna recolhendo-me á esta casa, foi para mim o testemunho vivo da proteção do Mestre Divino, á cuja misericórdia tenho endereçado todas as minhas supplicas!...

Não somente Orfília, mas o marido e o filho ouviram-na penalizados.

— E quais os teus projetos, minha filha? — perguntou a dona da casa, compungida.



A tal pergunta, Célia lembrou-se de Cnéio Lucius, que lhe havia prometido amparo em todos os momentos difíceis, se o Senhor o permitisse, e implorando-lhe um alvitre valioso, com as vibrações silenciosas do seu pensamento retrucou com certa firmeza:

— Tenho necessidade de sair de Roma na primeira oportunidade. Infelizmente, faltam-me os recursos necessários, mas espero que Jesus me ajudará... Tenho alguns parentes nos arredores de Napoles e nos confins da Campânia. Quero recorrer a todos êles, porquanto não poderia aqui viver sem elementos para me sustentar e ao meu pobre filhinho.

— Isso é justo — respondeu Orfília brandamente — eu e Horacio poderemos ajudar-te nas primeiras providencias.

— Aliás — replicou o chefe da família, com um gesto paternal — Junio terá de viajar ainda este mês, como empregado do Forum, levando documentos de pouca importância até Gaeta! Munida dos pequenos recursos que poderemos arranjar, estarás habilitada a encetar nova diligencia para reunires-te aos teus parentes.

Célia ouvia-lhe a palavra, confortada e agradecida, enquanto Orfília tomava a criança para nutrí-la convenientemente, obrigando a jóven a tomar, por sua vez um prato de caldo.

— Essa idéia é bem lembrada — disse Orfília dirigindo-se ao marido — os nobres poderão dirigir-se a Nápoles no bojo de luxuosas galéras, mas nós, os humildes, temos de nos valer dos mais pobres recursos.

— Tudo, porém, está na pauta da misericórdia divina — glosou Horacio convicto.

E dirigindo-se ao filho, enquanto a mulher silenciava, perguntou:

— Quando partes?

— Acredito que dentro de duas semanas.

— Pois bem, Orfília, até lá, buscaremos prover nossa irmã do indispensavel á sua viagem.

Célia esboçou um sorriso de agradecimento, sentindo-se bem, ao lado daqueles corações simples e generosos.



Daí a pouco repousava com o pequenito, numa cama humilde mas muito limpa, que a dona da casa lhe preparou, junto ao seu próprio quarto.

A filha de Helvídio Lucius, ajeitando carinhosamente a criancinha entre as coberturas pobres, começou a orar, meditando nas dolorosas peripecias daquele dia inolvidavel. Quando se sofre, a vida é qual turbilhão de pesadelos intensos. Ao seu espírito combalido, pareceu-lhe estar apartada dos seus ha muitos anos, tal a angústia martirizante das horas interminaveis em que vagara pelas vias públicas, sem destino e sem nenhuma esperança... Sem perder de vista a criancinha, sentiu que aos poucos o organismo exausto cedia ao sono reparador. Adormeceu, então, tranquila, como se nas asas da noite o espírito fugisse temporariamente do ergástulo, livre da realidade dolorosa.

Durante duas semanas, valendo-se da proteção de Orfília e seu espôso, a jóven cristã preparou o vestuário seu e do pequeno. Com os elementos que os amigos lhe proporcionaram, talhou fatos pobres e singelos, com os quais empreenderia o seu roteiro de humildade.

Aonde iria? Não poderia sabê-lo ao certo.

Não conhecia Nápoles senão através das descrições do velho avô, quando fazia viagens imaginárias no intuito de ilustrar a neta estremecida.

Possivelmente, não chegaria até Napoles, nem mesmo á Campania, onde guardava a recordação da irmã e de Caio Fabricius, domiciliados em Cápua. Inutil presumir qualquer auxilio da irmã, porquanto, certamente Helvídia e o espôso, cientes do que ocorrera em Roma, não lhe poderiam perdoar, em hipótese alguma.

Entretanto, predispunha-se a partir, cheia de confiança em Deus. No instante oportuno Jesus haveria de abençoar-lhe os passos, guiando-os a um destino certo. No complexo de suas meditações recordava-se, incessantemente, da palavra do avô no dia do sacrificio de Ciro e Nestorio, esperando que os mensageiros do Senhor ou as almas dos entes queridos regressassem do túmulo para lhe orientar o coração no dédalo das ansiedades angustiosas.



Receosa de complicações, a jóven nunca saíu do humilde quarteirão trasteverino, onde fôra acolhida, até que um dia, ao dealbar da aurora, despediu-se da amiga com lágrimas nos olhos.

O carro de Junio fôra preparado de vespera, de modo que a partida se efetuassee ao amanhecer. Orfília e Horacio estavam igualmente comovidos, mas, obedecendo ao imperativo das provações terrenas, Célia aboletava-se no interior da viatura, construída á guisa de diligencia dos tempos medievais, onde acomodou o sacco de roupas e a larga provisão de alimentos para o innocentinho, que Orfília não se esquecera de preparar carinhosamente.

Abracos carinhosos, votos de ventura e daí a instantes, sob o frio intenso da manhã, Junio estalava o pequeno chicote no dorso dos animais, através das vias públicas.

Célia rogava a Jesus que lhe fortalecesse o espirito angustiado, dando-lhe coragem para enfrentar as sendas procelosas da vida... Ao despedir-se de Roma, olhos nevodados de pranto, pareceu-lhe mais intenso o martírio íntimo, sentindo o coração azorragado pelas saudades impiedosas. Contemplando, porem, o pequenino meio adormecido em seus braços, experimentava uma força incoercível que a sustentaria em todos os sacrificios.

Os primeiros raios do sol começavam a invadir o céu escampo, quando o carro tranpôs a Porta Cœlimontana (1), entrando os cavalos, logo após, a largo trote na Via Appia... Defrontando as campinas romanas no trecho em que se erguia o admiravel aqueduto de Cláudio, a filha de Helvídio embevecia-se na contemplação da natureza, com o espirito mergulhado em preces carinhosas e profundas meditações.

Passava pouco de dez horas quando defrontaram Alba Longa, com o seu casario simples e confortavel.

---

(1) A Porta Cœlimontana foi chamada, mais tarde, Porta de São João. — *Nota de Emmanuel.*



Junio, com reflexos enigmáticos no olhar, fez com que a companheira de viagem e o pequenino tomassem ligeira refeição, antes de iniciarem a ascensão dos montes do Lácio.

Prosseguindo pelos caminhos orlados de árvores e flores silvestres, atingiram Arícia, cercada de oliveiras viçosas e de hortos imensos. Mais tarde alcançavam Genzano, vila graciosa e afortunada, ao pé do lago Nemi, em cujas bordas floriavam intermináveis roseirais.

Célia trazia o espírito engolfado em meditações cariciosas, em face do encanto maravilhoso da paisagem, cuja beleza ultrapassava todos os quadros da Palestina, guardados na sua retentiva para sempre. Por toda a parte, oliveiras amigas, laranjeiras em flor, hortos imensos e bem cuidados, roseiras perfumadas e detalhes preciosos que o homem do campo organizara.

Fôsse pela influencia cariciosa do ar embalsamado de aromas, ou pelo cansaço da longa excursão, a criança adormecera no colo da jóven mãezinha que o céu lhe dera, enquanto ela acariciava-lhe o rosto minúsculo com os mais ternos desvelos.

Enquanto a sombra do arvoredor atenuava os raios quentes do sol vespertino, Junio que nunca estava silencioso, chamando a atenção da companheira de viagem para esse ou aquele pormenor do caminho, começou a falar-lhe de assunto estranho. A jóven corou, pediu-lhe recordasse a tradição cristã dos pais, que a haviam tratado generosamente, suplicando-lhe que a deixasse em paz na sua dolorosa viuvez, ao léu da sorte. Notou, porém, que o rapaz estava saturado dos vícios da época, figurando-se-lhe que o filho dos seus protetores era insensível às suas rogativas mais ardentes. Repellido nas suas propostas indecorosas, o filho de Horacio exclamava para a sua vítima, deixando transparecer no semblante uma repugnante expressão de abutre ferido:

— Estamos próximo de Velitræ, onde pernoitaremos e como terás de prosseguir comigo até Gaeta, espero convencer-te amanhã. Do contrário...

Célia engoliu o insulto, lembrando-se dos seus deveres de orar e vigiar e conservando o pensamento em



preces fervorosas, afim-de que o Divino Mestre, por seus mensageiros lhe inspirasse o melhor caminho.

Daí a instantes, entravam na bela cidade, edificada em tempos remotos pelos Volscos e berço do grande Augusto. Velitræ, mais tarde Velletri, assenta num grande outeiro, oferecendo as mais formosas perspectivas topográficas ao viajante. Seus crepúsculos são tocados de uma beleza suave e maravilhosa... Contemplando o Oriente, vêem-se os montes da Sabina unidos aos barrancos profundos da cidade e á tarde, quando o sól desaparece, a neve das montanhas mistura-se á neblina da noite, proporcionando prismas visuais do mais deslumbrante efeito.

Junio colheu as rédeas á frente de uma hospedaria do mais humilde aspecto. Recebido com demonstrações de alegria por seus antigos conhecidos, providenciava imediatamente a hospedagem de Célia com a criança, recolhendo os animais á estrebaria.

A jóven cristã, após a refeição da tarde, buscou o silêncio do quarto para refletir e orar. Junio marcara o prosseguimento da viagem, ao alvorecer. Todavia, ela estava tomada de angústia e de incerteza. O filho de seus benfeitores não parecia dotado dos elevados sentimentos paternos. Aquele olhar arisco parecia indicar a peçonha de um ofídio. Seus gestos eram atrevidos, as idéias indiferentes ás noções do dever e da responsabilidade.

Noite alta, uma serva da casa veio saber se a hóspede reclamava alguma cousa, encontrando-a inquieta e aflita, pensando no que pudesse acontecer ao seu amanhã doloroso e cheio de ameaças.

Depois de amargas reflexões, deliberou, inspirada pelos amigos do Invisível, retirar-se da estalagem nas primeiras horas da madrugada, por fugir á qualquer perversidade do inimigo de sua paz íntima.

Assim que, antes do alvorecer, afastou-se a medo do casarão desconhecido. Apertando o pequenino de encontro ao peito, experimentava o coração a lhe bater aceleradamente. Jamais enfrentara situações tão difi-



ceis e todavia, confiava que Jesus a socorreria com os alvitres necessários.

Deixando Velletri á esquerda, tomou corajosamente um largo caminho, sobraçando o pequenino e o seu sacco de bagagens pobres, caminhando até o completo alvorecer e encontrando-se na antiga vila de Cora, famosa pelo seu templo de Castor e Pollux. Alí, uma mulher do povo recolheu-a por minutos, munindo-a de novas provisões, considerando a sua penosa jornada, com o innocentinho ao côlo.

Continuando a caminhar possuida de estranha fôrça, como se alguém lhe guiasse os passos, apesar do rumo incerto, achou-se em breve á margem do rio Astura, atravessando aldeias pequeninas, onde havia sempre um bom coração a lhe prodigalizar uma gentileza fraterna.

Antes do meio dia, defrontou humildes carreiros, assalariados pelos ricos senhores da região nos trabalhos de transporte, salientando-se que um deles, de aspecto patriarcal, ofereceu-lhe um lugar a seu lado, mitigando-lhe a dor dos pés.

Em breve novamente instalada num veículo bastante ligeiro para a época, a jóven cristã divisava á frente as famosas Lagoas Pontinas, vasto terreno sem inclinação, para onde convergem as pesadas massas d'agua de alguns rios.

Célia atravessava numerosos grupos de casas, aldeias nascentes ou antigas cidades em ruínas, detendo os olhos tristes, com mais insistencia nas humildes edificações de Forappio, onde as tradições cristãs de Roma asseveravam que se dera o encontro de Paulo de Tarso com os seus irmãos da cidade de Cesar.

Dentro de suas meditações, a viajante defrontava Anxur, mais tarde Terracina, de onde saía por escarpada encosta da montanha, passando pelas ruínas bem conservadas de castelos antigos, dos mais remotos dominadores. Da culminancia, seus olhos abrangiam toda a região das Lagoas célebres, bem como vasta extensão do mar Tirreno.

Aí, porém, sentiu o coração gelado e dolorido. Era dalí, daquela estrada hostil e montanhosa, que o velho



benfeitor, o cocheiro amigo, deveria retroceder em obediência às ordens recebidas.

Entardecia. O velho lidador da gleba despediu-se da companheira, com os olhos humedecidos. Por todo o caminho, Célia se conservara triste e silenciosa, mas, percebendo que o seu benfeitor estava receoso e sensibilizado por ter de abandoná-la em sítio tão ingrato, e a tais horas, disse-lhe corajosamente:

— Adeus, meu bom amigo! Que o céu lhe recompense a bondade. Seu oferecimento generoso evitou-me grande cansaço pelo caminho!...

— Ides a Fondi? — perguntou o bom do velho com carinhoso interesse.

— Não precisarei chegar até lá! — respondeu a jóven com inaudita coragem — a propriedade de meus parentes está muito próxima.

— Ainda bem — replicou êle mais conformado — temia que precisasseis caminhar ainda muito, pois estas regiões são infestadas de feras e bandidos.

— Fique descansado — disse Célia ocultando a propria angustia — estas estradas não me são desconhecidas. Além do mais, estou certa de que o céu me protegerá, amparando o meu filhinho...

O generoso carreiro ao ouvir a invocação do céu, descobriu-se respeitoso na sua simplicidade de alma devotada a Deus e depois de estender a dextra a jóven desconhecida, preparou-se para descer a montanha, aonde fôra tão somente para atender a solicitação da sua graciosa passageira, descendo pelas mesmas sendas escarpadas, afim-de cumprir em Anxur a incumbencia que levava.

Célia viu-o desaparecer nas curvas íngremes, acompanhando-lhe o veículo com o olhar triste e ansioso. Desejava também retroceder, mas um receio imenso dos homens impiedosos, que não saberiam respeitar-lhe a castidade, a impelia a buscar o desconhecido, entre as sombras espessas das florestas do Lácio.

Com o pensamento em prece, caminhou quasi mechanicamente, observando, angustiada, que se avizinhavam as sombras do crepúsculo...



A estrada corria por um vale apertado, vendo-se-lhe de um lado o oceano, e do outro a cadeia das montanhas. Os derradeiros raios do sol douravam a cúpola imensa, quando seus olhos divisaram, á esquerda, uma gruta providencial, formada pelos elementos da natureza. Era, porém, uma edificação natural tão imponente, que bastou um exame mais acurado para que se recordasse das lições do avô, em outros tempos, identificando o local com as suas reminiscências dos estudos com o avôzinho. Aquela gruta era o local famoso onde Sejano havia salvado a vida de Tibério, quando o antigo Imperador, ainda príncipe, se dirigia com alguns amigos para as cidades da Campania. Sentindo-se rodeada pelos clarões mortiços da tarde, dirigiu-se para o interior, onde uma cavidade natural parecia bem disposta para o descanso de uma noite. Agradecendo a Jesus o encontro de um pouso como aquele, ajeitou as roupas pobres que trazia para acomodar o pequenino, colhendo, em seguida grandes braçadas de musgo selvagem, que caíam das arvores idosas e forrando o leito de pedras com o maior carinho. Quando procurava interceptar a passagem para a cavidade em que repousaria, com pedras e ramos verdes, encarando a possibilidade do aparecimento de algum animal bravio, eis que lhe chega aos ouvidos o tropél de cavalos trotando, aceleradamente, ao longo do caminho...

Guardando o pequerrucho nos braços, correu para a frente, desejosa de se comunicar com alguém, para afastar do espírito aquela triste impressão de solidade, esperançosa de que a Providência Divina, por intermédio de um coração bondoso lhe evitasse a amargura daquela noite que se prefigurava angustiosa e dolorida...

Seria um carro, ou seriam cavaleiros generosos que lhe estenderiam mãos fraternas? Também podiam ser ladrões a cavalo, perdidos na floresta em busca de aventuras... Considerando esta última hipótese, tentou retroceder, mas três vultos destacaram-se ao seu lado, na sombra da noite, impedindo-lhe a retirada, porquanto



sofreados com fôrça, os garbosos cavalos interromperam o trote acelerado e ruidoso.

Criando novo alento, ao influxo das energias poderosas que fluíam do Invisível para o seu espírito, a filha de Helvídio perguntou:

— Ides a Fondi, cavalheiros?

Em lhe ouvindo a voz, alguém que parecia o chefe dos dois outros, exclamou com voz aterrada:

— Urbano !Lucrécio! acendam as lanternas.

Célia reconheceu aquela voz dentro da noite, com uma nota de terrível espanto.

Tratava-se de Caio Fabrício, que regressava de Roma, deixando a espôsa em companhia dos pais, compelido por suas obrigações imperiosas em Cápuia, depois dos supostos funerais de Célia, conforme as combinações da família.

Reconhecendo-o pela voz, a jóven cristã experimentou os mais angustiosos receios, entremeados de esperanças. Quem sabe a sua situação poderia modificar-se, em face daquele encontro imprevisto?

Antes que as suas cogitações tomassem longo curso, duas lanternas brilharam no ambiente.

O espôso de Helvídia contemplou-a aterrado. A visão de Célia, sózinha e abandonada, sustendo nos braços a criança que êle supunha seu filho, comoveu-lhe o coração; todavia, compreendendo a gravidade dos acontecimentos de Roma, de conformidade com as informações dolorosas do sogro, tratou de disfarçar a emoção imprimindo no rosto a mais fria indiferença.

— Caio!... — implorou a jóven com uma inflexão de voz intraduzível, enquanto a luz lhe banhava o semblante abatido.

— Conheceis-me? — perguntou o orgulhoso patrício.

— Porventura me desconheces, tu?

— Quem sois?

— Pois será preciso abrir-te os olhos?

— Não vos reconheço.

— Estarei, acaso, com a fisionomia transformada



a tal ponto? Não te recordas da irmã de tua mulher?  
— perguntou súplice.

— Minha espôsa — concluiu o viajante, enquanto os dois servos o contemplavam altamente surpreendidos — possuía apenas uma irmã, que morreu ha dezoito dias. Estais evidentemente equivocada, porquanto, ainda agora venho de Roma, onde assistí aos seus funerais.

Aquelas palavras foram pronunciadas com frieza indefinível.

A filha de Helvídio Lucius fixou nele os olhos mareados de lágrimas e o semblante transfigurado de infinita amargura. Compreendeu que era inutil afagar qualquer esperança de voltar ao seio da família. Para todos os afetos estava morta, e para sempre. Figurou-se-lhe acordar, mais intensamente, para a sua realidade dolorosa, mas, sentindo que alguém lhe amparava o espírito em tão angustioso transe, exclamou:

— Compreendo!...

O espôso de Helvídia, contudo, aparentando máxima frieza, de modo a não traír seus sentimentos diante dos servos, replicou:

— Senhora, se vos valeis dêsse expediente para obter o dinheiro preciso ás vossas necessidades, eu vo-lo dou de bom grado.

Mas, quando o orgulhoso romano revolvía a bolsa para cumprir esse designio, ela lhe respondeu com nobreza e dignidade:

— Caio, segue em paz o teu caminho!... Guarda o teu dinheiro, pois uma benção de Jesus vale mais que um milhão de sestércios!...

Extremamente confundido, o marido de Helvídia recolheu a bolsa, dirigindo-se contrariado aos servidores nestes termos:

— Apaguem as lanternas e prossigamos a viagem!

E observando a consternação de ambos os escravos, eminentemente impressionados com aquela cena, acrescentou com altanería:

— Que esperam mais para cumprir minhas ordens? Não nos impressionemos com os incidentes do caminho.



Nunca passei pelas estradas de Anxur sem encontrar uma louca como esta!

Como se fôsem repentinamente despertados por ordens mais severas, Urbano e Lucrécio obedeceram às exigências do senhor, apagando as luzes que bruxoleavam na escuridão da noite e, daí a instantes, os três cavaleiros recommçavam a marcha, como se cousa alguma houvesse acontecido.

Caio Fabrícus era generoso, mas a falta de Célia, aos olhos da família, era assaz grave para que pudesse ser perdoada. A ninguém revelaria aquele encontro, ainda porque, entre êle e sua mulher havia o compromisso de absoluto sigilo a tal respeito. Resolveu, assim, sufocar todos os estos de compaixão pela infeliz cunhada.

Quanto á esta, com os olhos mareados de lágrimas, ficou como petrificada, a ouvir o compassado trote dos animais que se afastavam, até que um silêncio profundo e misterioso se fez sentir em toda a parte, dentro da floresta sombria.

Vendo que Caio se afastava, teve ímpetos, na sua fragilidade feminina, de suplicar o seu auxílio, rogando-lhe a caridade de conduzí-la até ao povoado de Fondi, onde, por certo, encontraria alguém que a abrigasse por uma noite. Todavia, permaneceu muda, como se a sensibilidade do cunhado lhe houvesse enregelado a propria alma.

Chorou longamente, misturando de orações as lágrimas amargas, de olhos fitos no céu, onde apenas lucilavam raras estrelas...

A passos vacilantes, voltou á gruta selvagem, que a natureza havia edificado.

Lá dentro, acomodou a criança da melhor maneira, e entrou a meditar amargamente.

Os ventos do Lácio começaram a sussurrar uma sinfonia triste, estranha, e, de longe em longe, até aos seus ouvidos chegavam os écos dos lobos selvagens, ululando na floresta...

Célia sentiu-se abandonada mais que nunca. Profundo desanimo se lhe apoderou do espírito, sentindo que, apesar da fé, a fortaleza moral desfalecia em face



de tão penosos padecimentos... Lembrou, uma a uma, todas as suas alegrias domésticas, recordando cada familiar, com as particularidades encantadoras do seu extremoso afeto. Nunca o sofrimento moral lhe atingira tão fundo o coração sensível!... Enquanto as lágrimas silenciosas lhe rolavam dos olhos, lembrou-se, mais que nunca, das exortações de Nestorio nas vésperas do sacrifício, rogando a Jesus lhe concedesse forças para as renúncias purificadoras...

Mergulhada em profunda escuridão, acarinhava o rosto do pequenino, receosa de um ataque de reptís, enxugando as lágrimas, para melhor pensar no futuro, sem perder a sua confiança na misericórdia de Jesus.

Foi então que, com surpresa e pasmo dos seus olhos aflitos, emergiu da sombra um ponto luminoso, avultando com rapidez prodigiosa, sem que ela atinasse, de pronto, com o que se passava... Aturdida e surpresa, acabou por divisar a seu lado a figura do avô, que lhe enviava ao coração atormentado o mais terno dos sorrisos...

Tamanha era a sua amargura, tanto o fêl do seu coração angustiado, que não chegou a manifestar a menor estranheza. Dentro das claridades da sua fé, recordou, imediatamente, a lição evangélica das aparições do Divino Mestre á Maria Madalena e aos Discípulos, estendendo para o avô os braços ansiosos. Para o seu espírito dolorido, a visão de Cnéio Lucius era uma benção do Senhor aos seus inenarraveis martírios íntimos. Quis falar, mas, ante a figura radiosa do velhinho bom, a voz morria-lhe na garganta sem conseguir articular uma palavra. Todavia, tinha os olhos aljofrados de pranto e havia em seu rosto uma tal expressão de sublimidade, que, dir-se-ia mergulhada em profundo êxtase.

— Célia — sussurrou o espírito carinhoso e benfazejo — Deus te abençoe nas tormentas aspérrimas da vida material!... Feliz de ti, que elegeste o sacrifício, como se houvesse recebido uma determinação grata do Mestre!... Não desfaleças nas horas mais amargas, pois, entre as floras do céu ha quem te acompanhe os sofrimentos, fortalecendo as fibras do teu espírito dester-



rado! Jamais te supponhas abandonada, porquanto, do Alem nós te estendemos mãos fraternas. Todas as dores, filhinha, passam como a vertigem dos relâmpagos ou como os véus da neblina desfeitos ao sol... Só a alegria é perene, só a alegria alcança a eternidade. Realizando-nos interiormente para Deus, nós compreendemos que todos os sofrimentos são vésperas divinas do júbilo espiritual nos planos da verdadeira vida! Conhecemos a intensidade dos teus padecimentos, mas, coerente com a tua fé, conserva o pensamento sempre puro! Crendo sacrificar-te por tua mãe, estás cumprindo uma das mais formosas missões de caridade e de amor, aos olhos do Cordeiro... Jamais agasalhes a idéia de que o sentimento materno se houvesse desviado algum dia do código da lealdade e da virtude doméstica, mas recebe todos os sofrimentos como elementos sagrados da tua própria redenção espiritual! Tua mãe nunca faltou á fidelidade conjugal e, todavia, o teu espírito de abnegação e renúncia receberá de Jesus a mais farta mèsse de bênçãos.

Ouvindo aquelas palavras que lhe caíam como bálsamo divino no coração desalentado, a filha de Helvídio deixava que as lágrimas de conforto íntimo lhe rolassem das faces, como se o pranto, somente, lhe pudesse lavar todas as amarguras. Ela identificava o avô carinhoso e amigo, alí, a seu lado, como nos dias mais venturosos da sua existencia. Nimbado de uma luz suave e doce, Cnéio Lucius sorria-lhe com a benevolência de coração que sempre lhe demonstrara. Escutando-lhe a revelação da integridade moral da genitora, Célia reconsiderou as ocorrências dolorosas do lar. Bastou que esboçasse tais pensamentos, sem exprimí-los verbalmente, para que a respeitavel entidade espiritual a esclarecesse, nestes termos:

— Filha, não cogites senão de bem cumprir os designios do Senhor a teu respeito... Não permitas que os teus pensamentos voltem ao passado para se eivarem de aflições e amaritudes da vida terrestre! Não queiras estabelecer a culpa de alguém ou apontar o desvio de quem quer que seja, porque ha um tribunal de justiça



incorrutível, que legisla acima das nossas fronteiras!... Para êle não ha processos obscuros, nem informações inexatas! Se essa justiça sublime determinou a tua marcha pelos carreiros da calunia e do sacrifício, é que essa estrada conviria mais ao teu aperfeiçoamento e ás fórmulas de trabalho que te competem. Nunca mais voltarás ao aconchego do lar paterno, ao qual te sentirás ligada pelos élos inquebrantaveis da saudade e do amor, através de todos os caminhos, mas essa separação de tua alma dos nossos afetos mais queridos será como um ponto de luz imorredoura, assinalando a transformação dos nossos destinos! Teu sacrificio, filhinha, ha de ser para todo o sempre um marco renovador de nossas energias espirituais no grande movimento das reencarnações successivas, em busca do amor e da sabedoria! Ampliando os meus recursos para regressar ás lutas terrestres, abenço a tua dôr, porque a tua renúncia é grande e meritória aos olhos de Jesus.

Foi aí que ella conseguindo romper as emoções que a asfixiavam, exclamou com voz amargurada e dolorida:

— Mais do que as palavras, meu coração, que o teu espirito pode prescrutar, pode dizer-te da minha alegria e reconhecimento!... Protetor e amigo, guia desvelado de minha alma, já que vindes das sombras do túmulo para trazer-me as mais consoladoras verdades, ajudai-me a vencer nos embates dolorosos da vida!... Anima-me! Inspirai-me com a vossa sabedoria e o vosso amor compassivo! Não me deixeis desorientada, nestas penhas escabrosas!... Avô, meu coração tem andado triste como esta noite, e o desalento e a amargura clamam no meu íntimo como os lobos ferozes que uivam nestas selvas!... Doravante, porém, saberei que vos tenho junto a mim!... Caminharei conciente de que me seguireis os passos em busca da felicidade real!... Rogai a Jesus que eu desempenhe austeramente todos os meus deveres! E, sobretudo, amparai também o inocentinho, cuja vida buscarei proteger em todas as circunstâncias!...

A voz de Célia, todavia, experimentava um esta-



cato. Ouvindo-lhe as súplicas, com a mesma expressão de serenidade e de carinho no olhar, Cnéio Lucius avançou vagarosamente até o leito improvisado do pequenino, iluminando-lhe o rostinho alvo com um gesto da sua destra radiosa e exclamando num sorriso:

— Eis, filhinha — disse apontando a criancinha — que Ciro cumpriu a promessa, regressando prestes ao mundo para estar mais perto do teu coração, sob as bênçãos do Cordeiro!...

— Como não mo revelastes antes? — monologou a jóven intimamente possuída de sublime alvoroço.

— É que Deus — exclamou a entidade generosa adivinhando-lhe os pensamentos — quer que todos nós espiritualizemos o amor, buscando-lhe as expressões mais puras e mais sublimes. Recebendo um enfeitadinho como teu irmão, sem te deixares conduzir por qualquer disposição particular, soubeste santificar, ainda mais, tua afeição por Ciro, no laço indissolúvel das almas gêmeas, a caminho das mais lúcidas conquistas espirituais na redenção suprema!...

— Sim — falou a jóven patrícia dentro do seu júbilo espiritual — agora compreendo melhor o meu enternecimento e já que me trouxestes ao coração uma alegria tão doce, ensina-me como devo agir, dai-me uma orientação adequada, para que eu posa cumprir irrepreensivelmente todos os meus deveres!...

— Filha, a orientação de todos os homens está delineada nos exemplos de Jesus Cristo! Não temos o direito de tolher a iniciativa e a liberdade dos entes que nos são mais caros, porque, no caminho da vida, o esforço próprio é indispensável! Luta com energia, com fé e perseverança, para que o reino do Senhor floresça em luz e paz na tua própria vida... Mantem a tua consciência sempre pura e, se algum dia a dúvida vier perturbar teu coração, pergunta a ti mesma o que faria o Mestre em teu lugar, em identicas circunstâncias... Assim aprenderás a proceder com firmeza, iluminando as tuas resoluções com a luz do Evangelho!...

Depois de uma pausa em que Célia não sabia se fixava a personalidade sobrevivente do avô, ou se des-



pertava o enfeitadinho para rever nos seus olhos, mais uma vez, as recordações do bem amado, Cnéio Lucius acentuou:

— Depois de tantas surpresas empolgantes e de tanta fadiga, precisas descansar! Repousa o corpo dolorido que ainda terá de sustentar muitas lutas... Continua com a mesma oração e vigilância de sempre, pois Jesus não te abandonará no mar proceloso da vida!...

Então, como se um poder invencível lhe anulasse as possibilidades de resistência, Célia sentiu-se envolvida num magnetismo doce e suave. Aos poucos, deixou de ver a figura radiosa do avô, que se prostrara a seu lado qual sentinela afetuosa contra a incursão de todos os perigos... Um sono brando cerrou-lhe as pálpebras cansadas e, abraçada ao pequenito, dormiu tranquilamente até que os primeiros raios do sol penetraram na gruta anunciando o dia.

#### IV

#### DE MINTURNES À ALEXANDRIA

Enquanto a vida familiar de Fábio Cornélio transcorria, na cidade imperial, sem acidentes dignos de menção, sigamos a filha de Helvídio Lucius na sua via dolorosa.

Levantando-se pela manhã, Célia alcançou a povoação de Fondi, em cujas cercanias uma criatura generosa acolheu-a por um dia, com ternura e bondade. Foi o bastante para se reconfortar das caminhadas ásperas e longas, porque, no dia seguinte, punha-se novamente a caminho em direção de Itri, a antiga "Urbs Mamurrarum", aproveitando o mesmo traçado da Via Appia.

Em caminho, teve a satisfação de encontrar a carreta de Gregório, o mesmo carreiro humilde que a deixara, na ante-véspera, nas montanhas de Terracina, circunstância que lhe trouxe ao coração muita alegria. Nas dificuldades e dores do mundo, a fraternidade tem elos profundos, jamais facultados pelos gozos mundanos, sempre fugazes e transitórios.